

## O tratamento das paixões da alma nos primórdios da medicina moderna: o *De victum romanorum* de Alessandro Petronio

Paulo José Carvalho da Silva

*Propõe-se analisar o tratamento das paixões da alma apresentado pelo médico italiano Alessandro Petronio em seu Del viver delli romani et di conservar la sanità, de 1592. Petronio sistematiza intervenções terapêuticas que agem na articulação entre as paixões, a capacidade de imaginar e pensar os cuidados com o corpo e a relação com o desejo.*

**Palavras-chave:** Paixões da alma, história da medicina, tratamento, psicopatologia, Alessandro Petronio

A cultura grega antiga atribuía uma grande relevância à questão do *pathos*, uma vez que as paixões da alma estavam implicadas no bem-estar pessoal e coletivo, nas escolhas do modo de vida e nas próprias condições de busca da verdade, pois se acreditava que estes movimentos da alma poderiam alterar o juízo sobre a realidade (cf. Hadot, 1981; Pigeaud, 1989; Meyer, 1994). Como se sabe, as doutrinas gregas antigas das paixões tiveram um renovamento e receberam transformações no início da Idade Moderna, ou seja, nos séculos XVI e XVII, com o chamado Renascimento. Entretanto, o que pouco se discute é que nos saberes anteriores às especializações modernas o tratamento das paixões da alma não se restringia ao campo filosófico.

Por sua vez, os médicos do período também se apropriavam de conceitos e procedimentos oriundos da filosofia, conciliando-os com as práticas e procedimentos das artes médicas vigentes. Ora de maneira declarada, ora de maneira mais indireta, muitos médicos aproximaram-se da filosofia e da teologia e divulgaram regras de conduta que pressupunham o cuidado da alma e do corpo em conjunto, elaborando uma espécie de medicina da alma.

A tradição médica hipocrático-galênica ou humoralista, cujas origens remontam à escola hipocrática do século VI a.C. e à obra de Galeno de Pérgamo (129-201), estabelecia que o justo equilíbrio dos líquidos corporais, conhecidos como quatro humores (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra ou melancolia), é a condição fundamental para a saúde do corpo e da alma. O estado patológico decorreria da falta, excesso ou isolamento em alguma parte do corpo de algum desses princípios. Mediar significava restabelecer a boa crase, ou seja, a mistura equilibrada em força e em quantidade destes humores.

Trata-se de uma longa e complexa tradição que fundamentava as práticas médicas na primeira modernidade. No caso específico das teorias seiscentistas sobre a loucura, por exemplo, identifica-se a confluência do humoralismo e das doutrinas platônica e aristotélica sobre as faculdades da alma; é o que se lê nas classificações nosográficas propostas por Paolo Zacchia (1651) e Felix Plater (1626), bastante influentes em seu

tempo. A influência da alma nos processos somáticos, bem como a dos líquidos corporais nas faculdades mentais, era explicada por meio do conceito de *espírito* ou *pneuma*, algo como um sopro; um elemento nem físico, nem transcendente. Na fisiologia galênica, reinterpretada ao longo dos séculos, é o *pneuma* que mediará a ação, por exemplo, do humor melancólico em faculdades como razão, imaginação e memória (cf. Pessotti, 1994).

De modo geral, o campo de ação do médico era sobretudo a modificação das condições materiais do corpo (cf. Siraisi, 1990). Assim, os procedimentos mais usuais da arte médica eram as sangrias, purgantes e vomitivos e as cirurgias, todos eles visando restabelecer o equilíbrio corporal. Já na chamada medicina preventiva a adaptação da dieta e do regime de vida eram os principais recursos próprios aos médicos. Os afetos ou paixões da alma, objeto de consideração dos filósofos e teólogos, eram tratados como uma das seis coisas não naturais que influem na saúde e que devem ser corretamente administradas no bom regime de vida: ar e ambiente, comida e bebida, esforço e repouso, sono e vigília, excreções e secreções e, finalmente, os movimentos da alma.

Ao seguir esta definição tradicional, os médicos dos Quinhentos e Seiscentos propunham modos de prevenir ou remediar as enfermidades que agiam também na esfera dos afetos. Apoiando-se em antigos repertórios filosóficos, eles aliavam princípios da filosofia aos métodos médicos com o objetivo de sistematizar modos de conservar ou restabelecer a saúde integral do indivíduo.

A dupla formação, em medicina e teologia, realizada na Universidade de Louvain, permitiu ao célebre Levinus Lemnius (1505-1568) apresentar-se como médico de corpos e almas de forma particularmente expressiva. Lemnius (s/d.) sustenta que a saúde se mantém com a continência no viver, ou seja, com o hábito temperante. Ela seria adquirida por meio da moderação quanto à alimentação, bebida, esforços físicos e atividade sexual e com a educação das almas enfermas, uma vez que a tranquilidade e a constância das disposições da alma seriam fundamentais na conservação da saúde como um todo.

André du Laurens (1630), médico do rei da França, Henri IV, e professor da Escola de Medicina de Montpellier, delimita o campo de ação do médico ao afirmar que a correção das desordens afetivas é assunto dos filósofos morais e que ele, enquanto médico, ocupa-se exclusivamente das alterações e corrupções do corpo. Entretanto, ao longo do mesmo livro, o autor faz uso de preceitos filosóficos, cita a autoridade de filósofos antigos, como Aristóteles, Platão, e os estóicos, além de expoentes do humanismo, e sobretudo não se furta a aconselhar modos de conduta que incluem até mesmo o uso das paixões no processo de cura, bem ao estilo dos aristotélicos.

Luto, desagrvos, desilusões, perda da estima por si mesmo ou pela opinião do outro, forma educativa rígida, solidão e excesso de concentração nos estudos

ou na vida religiosa eram algumas das múltiplas causas apontadas por médicos dos séculos XVI e XVII para os males da alma. De maneira geral, o remédio aconselhado era liberar-se das ânsias e das preocupações por meio da adoção de um estilo de vida diferente daquele habitual e que permitisse distrair o pensamento.

No entanto, pode-se encontrar em escritos dos primórdios da medicina moderna diferentes posições a respeito da causa de afetos, imaginação e desejos e suas influências sobre a saúde, bem como diferentes modos de tratá-los conforme a formação médica, filosófica e um possível engajamento religioso do autor em questão.

Um exemplo notável de tratamento do *pathos* é o modo de viver prescrito pelo médico italiano Alessandro Petronio. No *Del viver delli romani et di conservar la sanità*, versão italiana, de 1592, para o *De victu romanorum*, de 1581, dedicado ao papa Gregório XIII, Petronio defende um bom uso das paixões da alma como parte fundamental de um modo de vida saudável. Para tanto, ele discute minuciosamente a natureza e os efeitos dos afetos e sua função na própria conservação da vida.

Proponho aqui, por meio da análise desta obra de Petronio, mostrar a importância do tratamento das paixões, suas matrizes filosóficas e médicas, a questão epistemológica enfrentada e as soluções clínicas descritas na tentativa de se elaborar uma medicina da alma no início da modernidade. Resgatar tais conceitos e práticas, apesar de superados pelo surgimento da psicanálise e o conseqüente desenvolvimento da psicopatologia fundamental, tem um duplo valor: como referência histórica, e como subsídio para uma discussão mais ampla sobre as múltiplas possibilidades de interlocução dos campos de saber na busca de tratar o sofrimento humano.

Convém lembrar que estes médicos da primeira modernidade não dispunham, evidentemente, de duas noções fundamentais concebidas por Sigmund Freud: a noção de inconsciente e a noção de sujeito. Estes dois pressupostos orientam a novidade da clínica psicanalítica e marcam uma grande diferença no modo de se tratar as manifestações psicopatológicas. O mesmo se pode dizer de conceitos como transferência, associação livre, sexualidade infantil, ou ainda da teoria psicopatológica da humanidade que, segundo Manoel Tosta Berlinck (2000), norteia a pesquisa atual sobre o *pathos*.

Cabe ainda ressaltar que o método da análise aqui apresentada é o histórico e, portanto, orienta-se pela exigência de se compreender os saberes do passado nos termos formulados em seu próprio tempo. Isto posto, este artigo limitar-se-á a elaborar um quadro descritivo das proposições de Petronio, explicitando suas posições para com os saberes do passado e de seu próprio período, cabendo ao leitor realizar ou não a terceira interlocução com os saberes do presente.

Nascido em Civita Castellana, nos arredores de Roma, Alessandro Petronio exercera a profissão médica na capital durante sessenta anos até sua morte em 1586. Ele, inclusive, teria prestado serviços médicos à corte do papa Paulo IV (1555-1559). Embora Petronio não seja muito conhecido na posteridade, sabe-se que um médico da corte papal daquela época era certamente um profissional conceituado e com grande influência social. Tal médico beneficiava-se, por um lado, dos confortos oferecidos pela corte, mas, por outro lado, tinha a difícil responsabilidade de cuidar de um homem muito idoso e considerado santo, além de trabalhar em um ambiente extremamente competitivo (cf. Palmer, 1990).

*O Del viver delli romani et di conservar la sanità* divide-se em cinco livros, nos quais o médico discorre sobre os ares e águas de Roma; os alimentos ali consumidos; os males particulares da heterogênea população romana e, por último, sobre como prolongar a vida: os exercícios e bebidas dos idosos, o ar, o movimento e o repouso, os banhos, os alimentos e as bebidas, o sono e a vigília, a evacuação e a repleção, e, finalmente, as paixões da alma.

Embora Petronio discorra sobre os afetos somente após considerar as outras coisas não naturais, ele não os considera menos relevantes. Pelo contrário, a atenção às paixões é parte fundamental da chamada observação do viver e, inclusive, do tratamento das enfermidades mais comuns entre os romanos. Por exemplo, em suas colocações sobre a prevenção e a cura da fraqueza, décimo capítulo do livro IV, o médico romano afirma que é necessário averiguar se a causa deste sentimento de fraqueza não seria uma paixão da alma. Tal diagnóstico deve ser estabelecido por meio do exame das palavras do doente, de seus atos e do comportamento de seu pulso. Conforme Petronio, quando se trata do efeito de uma paixão, os enfraquecidos apresentam-se sempre tristes e pálidos; eles suspiram com frequência, não conseguem dormir direito, perdem o apetite, tornam-se desleixados, trabalham mal e, além de tudo, não precisam de um motivo sério para se mostrarem enlouquecidos.

Segundo ele, não se constata, via de regra, alterações relevantes no pulso de quem sofre de fraqueza. Exceto quando o médico aborda o assunto que perturba a alma do paciente e que causa seu mal. Neste caso, movimentos desiguais e desmesurados são observados. Petrônio adverte, entretanto, que esta experiência deve ser repetida várias vezes para evitar o risco de estar sendo confundido por outras causas possíveis. Uma vez esclarecido que a causa da fraqueza é mesmo uma paixão da alma, o trabalho do médico consistirá em investigar quão profundamente esta paixão teria se enraizado, pois seria de fundamental importância saber se a mesma apenas penetrou a alma ou se já se converteu em um hábito.

Quando uma paixão deixou apenas uma impressão superficial no enfermo, assim que o médico a identifica e comunica a seu paciente, a face, os olhos e o

pulso do mesmo manifestarão imediatamente mudanças de aspecto. Logo em seguida, o paciente concordará que o médico descobriu o princípio e a causa de seu mal, ele experimentará um apaziguamento e, devido à confiança que este deposita no médico, acreditará em sua rápida recuperação. Ele conseguirá repousar e dormir, bem como seu pulso e seus olhos recobrarão o aspecto habitual. Enfim, tudo se resolverá apenas com a descoberta da “causa oculta” que “trabalhava secretamente” o enfermo. Petronio assegura que, embora seja difícil de acreditar, várias experiências confirmaram a eficiência deste método.

Por outro lado, se a paixão penetrou profundamente a alma, o enfermo poderá piorar ao ser interrogado, negando ou mudando de assunto. Mesmo que o paciente acabe acreditando que a causa de seu sofrimento é mesmo uma paixão da alma, estes acidentes persistirão ou ainda poderão agravar-se. Neste caso, o médico deverá fazer uso de contrários para remediar a causa; provocar o sono ou o apetite com uma refeição refinada ou distrair a mente do enfermo para que ele possa esquecer-se desta perigosa imaginação que teria provocado tal afeto perturbador.

Nota-se que, segundo Petronio, uma paixão pode ser provocada pela imaginação, ou seja, por uma imagem interior ou opinião falsa sobre algum objeto. Aliás, vários médicos do período afirmavam que uma *laesa imaginatio* pode causar enfermidades como, por exemplo, a melancolia e a mania. Aceitava-se também que as imagens mentais têm a capacidade de bloquear ou excitar o corpo e que a idéia fixa de encontrar-se doente pode acarretar a doença bem como a convicção de curar-se, a cura (cf. Schleiner, 1991). No entender de Petronio, na origem de uma perturbação que atinge o corpo e a alma estaria a *imago* de um objeto, movedora de um desejo, que pode ser de posse ou de rechaço. Assim, ele aconselha ao paciente enfraquecido atividades prazerosas, como, por exemplo, escutar música, ter um animal de estimação, encontrar-se com amigos e até mesmo manter relações sexuais (exclusivamente aos homens adultos e casados, com idade entre 21 e 35 anos, e de modo moderado) porque desfrutar de um objeto desejado ou simplesmente de um substituto deste objeto trará saúde, do mesmo modo que ter um desejo frustrado provocaria um mal-estar real ou imaginado.

Outro procedimento seria mobilizar imagens mentais e paixões do paciente prescrevendo-lhe alguma substância notadamente perigosa. Mais do que agir no corpo, elas suscitam medo, que é a paixão que se experimenta frente a uma ameaça iminente. Estes remédios fazem, portanto, a imaginação, antes fixa, ocupar-se de uma nova ameaça, distraindo-se e curando-se. Petronio adverte, entretanto, que todos estes expedientes somente terão o efeito desejado se o paciente confiar nos remédios prescritos pelo médico:

Quanto aos segundos remédios é necessário saber que todas as coisas alegres enlevam o enfermo de um pensamento fastidioso para a alegria, as outras coisas porém não podem ajudar de outro modo senão porque, tendo o enfermo depositado grande fé no remédio, ou porque este possui grande fama, é muito caro ou de difícil acesso, ele espera sarar facilmente por meio destes, e esta sua opinião ocupa sua alma de maneira a apagar da memória a primeira fantasia e substituí-la pela opinião da futura saúde. (Petronio, 1592, p. 224, trad. nossa)

Como já alertavam outros médicos da tradição hipocrática-galênica, Petronio lembra que para prolongar os anos de vida é preciso, sobretudo, manter, o quanto possível, o calor natural. Porque este se conserva com o úmido, também é necessário muito cuidado para que não haja um ressecamento, característico da velhice, da magreza e da morte. Por este motivo, não se deve exagerar nos esforços físicos e é aconselhável evitar a sede e a fome, pois estas penas ressecam sobremaneira o corpo.

Também afirma que as paixões têm muita força e podem ter grandes efeitos no corpo humano. Sentimentos como medo, tristeza, dor da alma, ânsias, ira e ódio ressecam o corpo, emagrecem-no e apressam a velhice. Inclusive podem ser a causa de uma morte súbita, como o caso de um grande medo, ou ainda de uma morte lenta, como aquela causada pela tristeza.

Mesmo reconhecendo que uma paixão da alma pode até mesmo levar à morte, Petronio mostra-se favorável ao bom uso das mesmas. Em particular, ele defende que a alegria moderada é um repouso e uma consolação. O médico argumenta que, ao longo da história, a alegria tem favorecido a saúde humana, pois nutre o corpo, confere vigor aos sentidos, conserva a integridade do intelecto, mantém e aumenta a saúde e, finalmente, prolonga a vida.

Petronio não é o primeiro, nem o único médico italiano a sustentar esta posição favorável à alegria moderada. Muito tempo antes, o professor da Universidade de Pádua e médico da corte de Borso d'Este em Ferrara, Michele Savonarola (1515) afirmou que a alegria moderada, ao contrário de outras paixões da alma, conforta, engorda e embeleza o corpo. Mais tarde, o célebre botânico e médico romano Castor Durante da Gualdo (1653) também afirma que a alegria aumenta o calor natural, ajuda na digestão, aperfeiçoa as habilidades intelectuais e conserva a juventude. Vale ainda mencionar o já citado médico romano Paolo Zacchia (1665), ele também médico do Estado da Igreja, que sugere a alegria moderada como antídoto da tristeza, pois esta última teria o poder de consumir os melhores espíritos, impedir o sono e a digestão, além de tornar o sujeito solitário, desagradável e preguiçoso.

Isto, porém, não significa que todos os médicos do período fossem favoráveis a esta paixão. Um exemplo da posição contrária é o médico, filósofo e cidadão romano, Scipione Mercurii (1603), que se mostrava muito mais

preocupado em advertir para os erros da alma e enfermidades do corpo provocados pela alegria, medo, amor, cólera, vergonha, entre outros afetos desmedidos. Suas considerações sobre o desejo e os afetos são claramente influenciadas pelo estoicismo e pelo neoplatonismo, antigas correntes de pensamento que preconizavam a erradicação das paixões e a soberania absoluta da razão para o estabelecimento da tranqüilidade e, portanto, da saúde da alma e do corpo.

O próprio Petronio explica que as paixões da alma produzem efeitos nocivos ao corpo: algumas impedem a digestão, enfraquecem as forças e podem inclusive provocar o parto prematuro. Se a origem destes afetos é propriamente corporal, é mais fácil tratá-los, já que basta remediar tal enfermidade. Já se a perturbação tem suas raízes na alma, é muito mais difícil descobrir a causa e determinar uma terapêutica eficaz.

Na realidade, não haveria nem pior, nem mais pernicioso veneno do que estes acidentes propriamente da alma. Petronio examina, em particular, os efeitos do excesso de medo e de alegria. Sobre o primeiro, ele afirma que experimentar um grande medo pode até mesmo levar à morte e comprova esta tese com alguns exemplos. Entre outras, o médico conta a história de uma mulher aparentemente muito robusta que teria morrido ao tomar conhecimento da prisão de seu filho, ou o caso de um grupo de frades que teriam morrido logo após atravessarem um perigoso lago congelado.

A explicação médica afirma que o medo pode atenuar o vigor do sangue, expulsá-lo dos ventrículos do coração e, em seguida, provocar a sufocação do calor natural, ou ainda congelar o sangue immobilizando-o de modo a provocar a morte súbita. Este processo não decorre apenas do enfrentamento de uma ameaça presente, mas também de um perigo já transcorrido. Neste último caso, isto ocorre devido à fixação da alma na imaginação do perigo, como se este continuasse iminente; vide o triste fim dos religiosos após a sua travessia. Esta poderosa ação sobre a realidade material do corpo, e sobre a própria determinação da vida, explica-se pela soberania da alma e se expressa pelo poder da imaginação:

... fixando-se tanto na mente aquela imaginação, como se estivesse para afogar-se em um lago ou grande rio, pode morrer imediatamente (...) Isto advém da autoridade que a alma tem sobre o corpo, ao qual comanda como um Rei ao seu vassalo, o que se vê claramente nos melancólicos, os quais, com a imaginação falsa de morrer, precipitam-se a enforcarem-se ou se jogarem do alto, onde realmente morrem, entre outros casos semelhantes. (Petronio, 1592, p. 344, trad. nossa)

Por outro lado, sustenta que é muito duvidoso que a alegria possa dissipar os espíritos até a morte como afirmavam alguns médicos do período. Estes



espíritos poderiam ser multiplicados com a ação da alegria, tornando, por conseguinte, a possibilidade da diminuição de sangue ainda mais inverossímil. Todavia, o médico não nega a existência de pessoas de coração tão fraco que possam falecer por conta de uma mínima alegria. Seriam justamente as pessoas que vertem lágrimas com facilidade e de modo abundante, sendo, portanto, mais susceptíveis à dissipação e à saída dos tais espíritos.

Uma grande excitação pode apressar a morte, mas não se pode dizer que a mesma seja sua causa principal. É o que se constata com uma dramática história de amor relatada por Petronio: uma jovem romana apaixonou-se por um rapaz e, porque sua família a proibiu de encontrar-se com seu amado, ela adoeceu gravemente. Seu estado de saúde mostrou-se tão prejudicado que se julgou que o único remédio seria permitir que o jovem a visitasse. Quando este chegou, a moça, já muito debilitada pela tristeza, experimentou tal comoção que acabou por encontrar sua maior alegria e seu fim ao mesmo tempo. Entretanto, Petronio afirma que não foi a euforia da visão de seu objeto de amor que matou a pobre moça, e sim a tristeza que teria arruinado incuravelmente suas forças: “Este afeto, que importunando tanto o ânimo daquela jovem, já arruinado e destruído pela tristeza, devido a qual esta caminhava pouco a pouco em direção à morte, encurtou o tempo e apressou a morte” (ibid., p. 346, trad. nossa).

Para a tristeza, em particular, são prescritas mudanças no modo de viver, tais como procurar manter vida social, dedicar-se ao lazer e a passeios, buscar atividades prazerosas, tudo a fim de distrair-se da imaginação na origem de tal paixão nociva e estimular a alegria, paixão capaz de temperar os efeitos da tristeza:

Evitar ficar sozinho e no escuro; pelo contrário, procurar ver fontes e jardins, conversar com pessoas queridas e amáveis, procurar ter em sua faculdade tudo aquilo que deseja, e, em suma, variar cada dia de ambiente, para que o pensamento possa abandonar tal imaginação, que se há tão fixa no ânimo. (Ibid., p. 347, trad. nossa)

É possível reconhecer na medicina da alma de Petronio uma abordagem semelhante à posição sustentada pela corrente filosófica aristotélico-tomista renovada na época. Em sintonia com São Tomás de Aquino, vários filósofos, e mesmo médicos, afirmavam que a paixão é um movimento do apetite sensitivo, causado pela imaginação de um bem ou mal, aparente ou verdadeiro, que modifica o corpo contra as leis da natureza. Trata-se de um movimento natural necessário, que nasce do fato de que a alma esteja engajada na matéria.

O filósofo jesuíta da Universidade de Coimbra, Manuel Gois (1593), influente comentador de Aristóteles e de São Tomás, precisa que estas modalidades de animação teriam duas causas: uma formal, o impulso da alma, e outra material, a alteração orgânica dos espíritos vitais presentes no coração em virtude da

modificação da temperatura corporal desencadeada pelo movimento da alma. Sendo, portanto, natural do homem, a paixão também não pode ser considerada em si mesma um vício ou enfermidade. Ela pode degenerar, assumindo o valor negativo que lhe davam os estóicos, somente se a vontade consente ao desregramento, tornando-o um hábito vicioso. A temperança, hábito eletivo regulado pela razão, pode ser obtida não por um poder despótico ou repressivo, mas pelo exercício de uma espécie de poder político sobre as paixões da alma; um governo do apetite pela razão e livre-arbítrio (Massimi e Silva, 2001). Nesta perspectiva, até mesmo o ódio ou a tristeza podem ser valorizados conforme o objeto a que se referem, as circunstâncias e o modo como são experienciados (Silva, 2000).

É bem verdade que Petronio, em suas considerações sobre as paixões, alerta para os malefícios de algumas e mostra-se francamente favorável à alegria moderada, identificando-a à própria saúde. Entretanto, o que orienta suas intervenções terapêuticas é a busca de um equilíbrio ou justo meio, que pode ser obtido com o uso prudente de uma paixão da alma capaz de neutralizar aquela que esteja causando sofrimento, tal como preconizavam os filósofos, teólogos e pregadores aristotélico-tomistas.

Embora ele indique, em muitas passagens, remédios ou alterações comportamentais, todas estas intervenções visam uma mudança na ordem dos afetos por meio de uma modificação no plano das idéias ou imagens internas. À guisa de conclusão, o que caracteriza o tratamento das paixões da alma no *De victu romanorum* de Alessandro Petronio são os procedimentos que põem em movimento a articulação entre o *pathos*, a capacidade de imaginar e pensar e a relação com os outros na busca de um regime de vida saudável e pautado pelo desejo.

## Referências

- BERLINCK, M. T. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- GOIS, M. *Commentarii Conimbricensis Societatis Jesu*. In: *Libros Aristotelis qui Parva Naturalia appellantur*. Lisboa: Simão Lopes, 1593.
- GUALDO, C. D. *Il tesoro della sanità. Di Medico, & Cittadino Romano. Nel quale s'insegna il modo di conservar la sanità, & prolongar la vitta, & si tratta della natura de' cibi & de' Rimedij de' nocumenti loro*. Treviso: Simon da Ponte, 1653.
- HADOT, P. *Exercices spirituels et philosophie antique*. Paris: Albin Michel, 1981.
- LAURENS, A. du. *Discours de la conservation de la vue, des maladies melancholiques*,

*des catarrhes, & de la vieillesse*. Rouen: Lovys Laudet, 1630.

LEMNIO, L. *Della Composita habitudine, & temperamenti dell'humano corpo. Diviso in due libri*. (s/d.).

MASSIMI, M. e SILVA, P. J. C. (orgs.). *Os olhos vêem pelo coração*. Conhecimentos psicológicos das paixões na cultura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII. Ribeirão Preto: Holos, 2001.

MERCURI, S. *Degli Errori popolare d'Italia, libri sette, divisi in due parti*. Veneza: G. Battista Ciotti Senese, 1603.

MEYER, M. *O filósofo e as paixões*. Esboço de uma história da natureza humana. Trad. de S. Fitas. Lisboa: ASA, 1994.

PALMER, R. *Medicine at the Papal Court in the Sixteenth Century*. In: NUTTON, V. (org.). *Medicine at the courts of Europe, 1500-1837*. London/New York: Routledge, 1990.

PESSOTTI, I. *A loucura e as épocas*. São Paulo: Ed. 34, 1994.

PETRONIO, A. *Del viver delli romani et di conservar la sanità*. Roma: Domenico Basa, 1592.

74

PIGEAUD, J. *La maladie de l'âme*. Etude sur la relation de l'âme et du corps dans la tradition médico-philosophique antique. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

SAVONAROLA, M. *Libreto delo Excellentissimo physico Maistro Michele Savonarola: De tutte le cose che se mangiano comunamente: quale sono contrarie e quale al proposito: i como si apparecchianno: i di quelle se beveno per Italia: e de sei cose non naturale; i le regole per conservare la sanità deli corpi umani*. Veneza: Bernardino Benalio, 1515.

SCHLEINER, W. *Melancholy, genius, and utopia in the Renaissance*. Wiesbaden: Kommission bei Otto Harrassowitz, 1991.

SILVA, P. J. C. *A tristeza na cultura luso-brasileira*. Os sermões do padre Antonio Vieira. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

SIRAI, N. *Medieval & Early Renaissance Medicine*. An Introduction to Knowledge and Practice. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1990.

ZACCHIA, P. *De'mali hipochondriaci*. Veneza: Paolo Baglioni, 1665.

## Resumos

*Nuestra propuesta es analizar el tratamiento de las pasiones del alma presentado por el médico italiano Alessandro Petronio en su obra Del viver delli romani et di*

conservar la sanità, de 1592. Petronio presenta de modo sistemático las intervenciones terapéuticas que actúan en la articulación de las pasiones, la capacidad de imaginar y pensar los cuidados con el cuerpo y la relación con el deseo.

**Palabras claves:** Pasiones del alma, historia de la medicina, tratamiento, psicopatología, Alessandro Petronio

*On propose analyser les soins des passions de l'âme soutenus par le médecin italien Alessandro Petronio dans son Del viver delli romani et di conservar la sanità, de 1592. Petronio systématise des interventions thérapeutiques qui touchent l'articulation entre les passions, la capacité d'imaginer et de penser, les soins du corps et le rapport au désir.*

**Mots clés:** Passions de l'âme, histoire de la médecine, soigner, psychopathologie, Alessandro Petronio

*In this article, the treatment of the passions of the soul, referred to by the Italian physician Alessandro Petronio in his Del viver delli romani et di conservar la sanità, written in 1592. Petronio systematizes therapeutic interventions related to the connections among passions, the ability to imagine and understand bodily care, and the relation to desire.*

**Key words:** Passions of the soul, history of medicine, treatment, psychopathology, Alessandro Petronio